

D. JOÃO CHARTERS DE ALMEIDA E SILVA

Charters de Almeida nasce em Lisboa, na freguesia de S. Sebastião da Pedreira em 12 de Julho de 1935. Em 1962 termina com distinção o Curso Especial de Escultura na Escola Superior de Belas-Artes do Porto e em 1964 o Curso Superior de Escultura na Escola Superior de Belas-Artes do Porto. A tese apresentada é classificada com vinte valores.

Em 1962 é convidado para Professor Assistente na Escola Superior de Belas-Artes do Porto. Em 1964 é Professor Assistente com regência de cadeiras. Em 1971 concorre, mediante concurso público, ao lugar de Professor da Escola Superior de Belas-Artes do Porto, sendo nomeado Professor Efectivo. No ano seguinte abandona a seu pedido o cargo de Professor Efectivo da Escola Superior de Belas-Artes do Porto para se dedicar, em exclusivo, ao trabalho de atelier.

Em 2011 recebe o Doutoramento "Honoris Causa" em Arquitectura pela Faculdade de Arquitectura e Artes da Universidade Lusíada de Lisboa.

É convidado para o Conselho Social da Faculdade de Arquitectura e Artes da Universidade Lusíada de Lisboa.

Continua, todavia, ligado ao universo académico, sendo frequentemente convidado a participar em aulas, palestras e conferências, em Portugal e no estrangeiro.

EXPOSIÇÕES

1961-2011 Participa em mais de sessenta exposições individuais, colectivas e oficiais em Portugal e no estrangeiro, em Museus e Bienais.

PRÉMIOS E CONDECORAÇÕES

1961-1970 Ganha 11 primeiros prémios em concursos públicos, Nacionais e Internacionais, de medalha e medalha-objecto. Por opção, após 1970, não entra em mais concursos.

1984 Recebe a citação oficial e diploma de Cidadão Honorário do Senado de Rhode Island (USA), recebendo do Mayor a Chave da Cidade. Recebe o equivalente à Chave da Cidade de Newport (USA).

1985 Recebe a citação oficial e diploma de Cidadão Honorário do Senado da Cidade de El Paso, Texas (USA), recebendo do Mayor a Chave da Cidade.

1988 É nomeado Comendador da Ordem do Infante D. Henrique, Portugal. É nomeado Chevalier de l'Ordre des Arts et Lettres, pelo Ministro da Cultura de França, Jacques Langue. Diploma pelos trabalhos realizados no Cabrillo National Monument San Diego Califórnia (USA), passado por Stanley Albright e Gary Cummins. Medalha da Cidade de San Diego, 200th Anniversary County of San Diego – Board of Supervisors.

1992 É nomeado Officier de l'Ordre de Leopold du Royaume de Belgique (Bélgica).

1998 É agraciado com a Grande Cruz de Honra e Devoção da Soberana Ordem Militar de Malta (Itália).

2007 Recebe a medalha de Mérito Cívico e Cultural, atribuída pela Câmara Municipal de Abrantes.

2011 Recebe o Doutoramento "Honoris Causa" em Arquitectura pela Faculdade de Arquitectura e Artes da Universidade Lusíada de Lisboa.

COLEÇÕES

Está representado em Museus, Fundações e Coleções particulares em Portugal e noutros países da Europa, USA, Brasil, Canadá e Japão. Tem trabalhos de grande escala em espaços públicos em Portugal, Bélgica, USA, Canadá e China.

Núcleos Museológicos do seu trabalho Núcleo Museológico Biblioteca Afonso Lopes Vieira em Leiria. Núcleo Museológico Solobema Etma em Vila Viçosa. Núcleo Museológico para o Museu Ibérico de Arqueologia e Arte a instalar em Abrantes. Núcleo Museológico de Medalha e Medalha-Objecto no Banco de Portugal. Núcleo Museológico Parque do Atelier de As Chãs, em Alcainça, concelho de Mafra. Núcleo Museológico da Faculdade de Arquitectura e Artes da Universidade Lusíada de Lisboa.



Notas
Quanto à persistência e projecção dos elementos do recorte dos, nos 23 anos que os fiz, os temas mais distintamente podem ter a densidade da "C.T.", respectiva de Man.



GALERIA MUNICIPAL DE ARTE
PRAÇA RAIMUNDO SOARES - ABRANTES
T + 351 241 330 209
galeria.arte@cm-abrantes.pt

TERÇA A SÁBADO DAS 10H00 ÀS 12H30 E DAS 14H00 ÀS 18H30
ENCERRA DOMINGOS, SEGUNDAS E FERIADOS

Charters de Almeida

UMA ANTOLOGIA

ESCULTURA 18 MAIO A 24 JUNHO 2011



CHARTERS DE ALMEIDA

UMA PEQUENA ANTOLOGIA

O longo percurso escultórico de Charters de Almeida que, numa curta *Antologia*, se mostra na Galeria Municipal de Abrantes, a partir da generosa doação de dezenas de peças feita pelo autor à Cidade de Abrantes para exposição no futuro Museu Ibérico de Arqueologia e Arte, apresenta diferentes tempos e formulações, assim como distintos materiais, através dos quais se foi desenhando um diálogo criativo profundamente original entre a inteligência e a emoção do fazer e do acto de projectar face às inquietações suscitadas pela incessante mudança das circunstâncias do ser e do estar na nossa época.

É interessante começar por lembrar que, no início da sua formação artística, Charters de Almeida queria ser arquiteto e chegou mesmo a inscrever-se, em meados dos anos 50, no respectivo curso na Escola Superior de Belas Artes do Porto, ao tempo dirigida pelo Prof. Arquitecto Carlos Ramos com uma extraordinária visão de abertura e experimentação, que marcaria todas as gerações aí formadas. Todavia, em parte por influência do Prof. Escultor Barata Feyo, figura incontornável na renovação da escultura pública em Portugal, nas décadas de 50 e 60, acabaria por se transferir para o Curso Superior de Escultura, que terminaria em 1962, com uma tese classificada com vinte valores.

Na primeira fase da obra de Charters de Almeida, a que se convencionou chamar «dos bronzes», em virtude da predominância dessa matéria como material definitivo, o escultor estava interessado na fluidez das formas e dos contornos, a que não era estranho um certo organicismo prevalecente durante a sua formação, que ecoaria na sua obra ainda durante muito tempo. Nesse período inicial (estamos a falar dos anos sessenta e setenta), em que o seu trabalho foi extremamente apreciado por uma emergente clientela privada, o autor procurava uma certa dissolução do motivo, não ainda pelo recurso à abstracção geométrica ou à depuração formal, que viriam mais tarde na sua carreira, mas mediante uma muito própria vibratibilidade das superfícies aliada a uma acentuada deformação/redefinição figurativas que se não esgotavam num formalismo esteticista ou numa mera projecção gestual antes traduziam uma vasta gama de temas e problemas (*Pas-de-deux*, 1966, *Cenário para fragmentos*, 1969, *A Nave das Almas*, 1970, *Homens ou troncos*, 1976, *Sacerdote da Noite*, década de 1970, *Pássaro Guerreiro*, década 1980) em soluções compositivas e formais ousadas que se singularizaram no panorama da escultura portuguesa de então. Uma delas, a inquietante *Vertigem - Máquina para triturar gente*, década 1970, associa ao bronze determinados *objets trouvés* como a torneira ou a cabeça de boneca em plástico numa caixa de acrílico, anunciando o experimentalismo de raiz conceptual e até a disciplina *minimal* que iriam seguir-se anos depois na sua obra. Contudo, esse êxito inicial tornar-se-ia incómodo para o genuíno e até insatisfeito criador que é Charters de Almeida, pelo que cortou radicalmente não apenas com o tipo de trabalho que vinha fazendo mas com a própria escultura, durante cerca de quatro anos, a partir do fim dos anos 70. Entretanto, tinham decorrido ou decorriam ainda experiências radicais com colagens a partir de papéis e cartões rasgados ou aleatoriamente recortados, como a que se expõe, ou a partir de explorações de espacialidades, também nas duas dimensões, utilizando cordéis num suporte pictural «vazio», como acontece na interessantíssima composição que se apresenta.

Ao regressar, a partir de 1983, depois de uma tão longa e profunda reflexão, a obra de Charters de Almeida inflectiu noutras direcções e passou a utilizar novos materiais: o ferro, o aço, a pedra e o betão. A peça que realizou nesse ano para a Fundação Gulbenkian, significativamente intitulada *Janela*, parte de um enorme plano paralelepípedo no qual se inscreveu um recorte de evocação orgânica que, ao rodar sobre um eixo, abre uma passagem. Uma porta para novas pesquisas no campo da escala e dos materiais, em busca de novas dimensões de significação e de intervenção para a escultura, seja ela destinada ao conforto de um lar ou à qualificação de um «lugar», capturando e relendo o seu espírito.

Um traço comum a todas as novas direcções que empreendeu, quer na escultura intimista, quer na arte para o espaço público, foi a absoluta assunção da geometria como matriz invariante no domínio do Tempo, essa mutabilidade também absoluta. Assim surgiram os *Relógios de Sol*, na segunda metade dos anos 80, e, logo depois, no início dos anos 90, os *Diedros em Expansão*, ambos de disciplina geométrica rigorosa, num esforço minimal de domínio do material, seja o mármore ou o metal, polido ou pintado, numa verdadeira cintilação da forma que transcende a matéria. Os *Relógios de Sol* anunciavam, desde logo, nos seus delicados recortes, os *Diedros* (ou então são estes que, na sua verticalidade, quase sempre dominante, também se relacionam com o Astro Rei, assinalando, em sombras projectadas no solo, o seu curso, como se fossem raios de sol petrificados, como queriam os Antigos Egípcios que fossem os seus obeliscos, o que nos

vem à memória quando observamos a grande escultura *Marco*, de 1998, realizada para assinalar a conclusão da A1). As referências também se diversificam: as subtis dobragens em alguns *diedros* são uma apropriação da arte do *origami* num material (o aço pintado) que dificilmente obedece a essa delicadeza de processos de definição formal.

A década de 90 iria ser, pois, decisiva na clarificação e na síntese que a obra de Charters de Almeida apresenta desde então e até aos dias de hoje. Depois de ter dominado a contagem e marcação da inexorável passagem do Tempo, graças à geometria dos *Relógios de Sol* e dos *Diedros*, e com a experiência da abertura de passagens, a partir de recortes em planos geométricos, o escultor, numa lembrança da sua inicial afeição pela arquitectura, inicia um trabalho projectual que, se o afasta da manipulação directa dos materiais, como, de resto, já vinha acontecendo, permite-lhe a realização de uma fusão entre o carácter projectual da arquitectura e do design com o da arte contemporânea. É principalmente a partir da obra encomendada pela *Europalia Portugal* e instalada em Houffalize, nas Ardenas, que dá início a um conjunto vasto de obras de grande envergadura, que já se espalham pelos quatro cantos do mundo, do Canadá a Macau, e que intervêm qualificadamente no espaço circundante, em busca do «espírito do lugar» e reescrevendo-o numa linguagem de hoje, atenta às inquietações do presente existencial das comunidades, resgatando-as de um quotidiano sem perspectivas e convidando-as à evasão e ao sonho que soltam a imaginação, única instância de verdadeira e ilimitada liberdade no homem.

O próprio Charters de Almeida lhes deu o título colectivo de *Cidades Imaginárias*, envolvendo não só uma dimensão arquitectural e até urbana ou territorial da própria escultura, mas sobretudo um contributo simbólico fundamental para a escala e para o «espírito» de cada um dos lugares, como acontece com o *Mar de Abrantes*, instalado à beira do Tejo e doravante inseparável da imagem da cidade e do território. Esta extraordinária deriva da obra de Charters de Almeida, que o singulariza entre nós e além-fronteiras e se documenta na exposição através de desenhos de projecto e de algumas das maquetes pertencentes ao espólio legado pelo autor ao MIAA, parte de uma reflexão muito pessoal sobre o carácter simbólico e até transcendental da marcação do território pelo homem, desde tempos imemoriais, através de elementos construídos e esculpidos, como os menhires, os dolmenes ou os cromeleques, evocadores tanto da morte e do além como da existência quotidiana, dos sistemas de crença, do sonho e da esperança das populações no seu espaço de eleição.

Lisboa, Abril de 2011.

Fernando António Baptista Pereira
Faculdade de Belas Artes da Universidade de Lisboa

